

## EXPEDIÇÃO DE MATO GROSSO

Alfredo d'Escragnolle Taunay

**Apresentação:** Eduardo Vieira Martins

O artigo a seguir, intitulado “Expedição de Mato Grosso”, foi publicado no *Jornal do Comércio*, no dia 14 de agosto de 1867, por Alfredo d'Escragnolle Taunay, à época um jovem oficial recém-promovido ao posto de Iº tenente, que havia integrado a coluna militar enviada dois anos antes para libertar a distante Província, invadida pelos paraguaios no final de dezembro de 1864. Depois de uma longa marcha, desde o porto de Santos até o teatro de operações, na qual enfrentou toda sorte de dificuldades, e sob as ordens do coronel Carlos de Moraes Camisão, seu quinto comandante, a coluna tomou a temerária decisão de invadir o país inimigo, mesmo sem dispor de efetivos nem de condições logísticas e materiais de levar a ação a bom termo. Após atravessar o rio Apa, fronteira entre os dois países, e avançar poucas léguas pelo território paraguaio, até uma fazenda chamada Laguna, o exército brasileiro, desprovido de uma linha de abastecimento capaz de provê-lo de mantimentos e munição, foi forçado a recuar sobre os próprios passos, dando início a uma longa retirada, que só se encerraria trinta e três dias depois, às margens do rio Aquidauana, no atual estado do Mato Grosso do Sul.

No dia 11 de junho de 1867, quando a coluna do exército finalmente se encontrava em segurança, Taunay recebeu a ordem de partir para a Corte, levando notícias dos acontecimentos.<sup>1</sup> Em suas *Memórias*, redigidas muitos anos depois, recorda-se que, ao chegar ao Rio de Janeiro, no dia 1º de agosto de 1867, “muito grande era a inquietação a respeito do destino da expedição de Mato Grosso”:

Um tropeiro, chegado de Sant’Ana do Paranaíba, contara que havíamos marchado para o Apa, invadido o Paraguai e sido, quando voltávamos, acossados por forças inimigas. Recebendo elas reforço, fôramos completamente cercados e aniquilados.

---

1. TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, s/d, p. 255.

Ninguém escapara – era a versão que depressa fora ter à vila do Prata e logo a Uberaba, sendo, em poucos dias, dada à publicidade em todos os jornais do Rio de Janeiro.<sup>2</sup>

Já no caminho para a Corte, o oficial enviara telegramas anunciando sua chegada e, no dia 2 de agosto, o *Jornal do Comércio* reproduziu uma nota, pequena mas bastante informativa, anteriormente publicada no *Correio Paulistano*, noticiando que, a despeito dos imensos sofrimentos e da perda de inúmeros homens, inclusive dos seus comandantes, a coluna brasileira havia sobrevivido e se encontrava a salvo: “Não se imagina o que sofreu a expedição, e o que deve estar sofrendo: fome, frio, marchas forçadas, constantes ataques e surpresas dos inimigos, e sobre tudo isto o terrível flagelo da cólera [...]”<sup>3</sup> Foi, portanto, num ambiente marcado pela desinformação e pela perplexidade que o artigo de Taunay foi lido pelos seus contemporâneos, num momento em que a guerra ainda estava longe de terminar e a sorte dos países beligerantes não estava completamente definida.<sup>4</sup> Nesse contexto, o artigo desempenhou o papel de um testemunho oficial dos episódios transcorridos na zona fronteira em litígio, assinado por um membro da comissão de engenheiros e divulgado junto ao grande público.

Redigido num estilo conciso, claramente preocupado com o registro factual dos acontecimentos, o texto aponta os problemas enfrentados pela expedição e, mesmo sem a descrever em primeiro plano, permite entrever a violência do episódio, sem elidir o seu lance mais dramático, o abandono dos coléricos, que não podiam mais ser transportados e foram largados “à mercê dos Paraguaios, que os degolaram”. A narrativa se articula a partir da constatação do isolamento da província do Mato Grosso e das dificuldades inerentes a uma operação militar realizada no coração das trevas, problema agravado pelo caráter inóspito da natureza, sujeita a inundações frequentes e a bruscas variações de temperatura, que minavam a saúde da tropa. Além disso, o artigo deixa perceber, mesmo que de forma velada, a inépcia do coronel Carlos de Moraes Camisão, um homem assombrado por fantasmas do passado e pela pecha da covardia,

---

2. Id., p. 286.

3. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 2 ago. 1867, p. 1. A nota havia sido publicada no *Correio Paulistano*, de 31 de julho de 1867, p. 2.

4. Para se ter uma ideia das dificuldades enfrentadas naquele momento, basta lembrar que a fortaleza paraguaia de Humaitá só seria tomada pelas forças aliadas quase um ano depois, em julho de 1868. Para a cronologia da guerra, ver DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 559 e ss.

que não soube avaliar com isenção as reais condições em que a coluna se encontrava, e a lançou numa aventura sem qualquer possibilidade de êxito. A despeito do insucesso da operação e da morte de tantos homens, a pequena narrativa é perpassada por um sopro épico, que visa a exaltar os feitos de armas do exército brasileiro em condições tão adversas: “esta retirada é digna de memória”, conclui o narrador. Todos esses elementos seriam posteriormente retomados e desenvolvidos em *La retraite de Laguna*, livro que imortalizou a história da expedição de Mato Grosso, publicado em francês, pela Imprensa Nacional, em 1871. O artigo que se vai ler a seguir, ainda que mencionado por Taunay nas suas *Memórias*,<sup>5</sup> parece não ter sido reeditado no século xx, permanecendo esquecido desde a sua publicação. No estabelecimento do texto ora divulgado, a ortografia foi atualizada, mantendo-se a pontuação original e o uso de letras maiúsculas nos substantivos gentílicos e nos nomes dos meses, tal como era frequente no século xix.<sup>6</sup>

---

5. “E, como eu publicara no *Jornal do Comércio* um artigo explicando os sucessos em que me achara envolvido, esse último senador [Padre Pompeu] a ele se referiu, dizendo que fora escrito com a pena de um Plutarco!” TAUNAY, *Memórias*, cit., p. 287.

6. Registro o meu agradecimento à Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, e ao Arquivo Edgar Leuenroth, da Unicamp.

## Expedição de Mato Grosso<sup>7</sup>

Uma das províncias menos conhecidas do Brasil, a de Mato Grosso, no ponto em que toca a república do Paraguai, acaba de ser teatro de feitos de guerra que, ameaçando transformar-se em catástrofe igual à dos Atenenses na Sicília e dos Romanos entre os Partos,<sup>8</sup> deram uma página gloriosa à história do país, e provaram uma vez mais a resignação, força de disciplina e coragem de seus soldados.

Uma expedição para lá fora mandada em princípios do ano de 1865, com o fim de operar pelo lado do norte contra o Paraguai, a qual, depois de uma série incessante de contratempos e calamidades, tendo por vezes mudado de chefe,<sup>9</sup> enquanto lutava nos pantanais que bordam a O. a grande serra de Maracaju com mil dificuldades, dizimada pela fome e as epidemias as mais singulares, chegara enfim nos fins de Janeiro do corrente ano ao ponto de Nioaque.

Aí, graças aos efeitos salutareos do clima e das águas, graças às remessas de munições de boca que começavam a chegar-lhe regularmente, pelos cuidados cada vez mais eficazes do incansável presidente de Goiás,<sup>10</sup> em breve tempo levantou-se a coluna do estado de prostração em que caíra, sem que nunca perdesse o sentimento de disciplina. Contava então 1.300 combatentes, bem armados, municados e fardados. Haviam quase decorrido dois anos desde a partida de S. Paulo.

De todos os males que ela sofrera com paciência heroica nasceu em seu seio, sentindo-se, para assim dizer, em plena convalescença e refeita de forças, o desejo ardente

---

7. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1867, p. 2.

8. No original, “Parthas”. Raphael Bluteau traz a forma “Parthos”; o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* grafa “Partos”, forma modernizada adotada aqui. Ver *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, Imprensa Nacional, 1940 e BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Colégio da Companhia de Jesus, 1712-1728.

9. A leitura das *Memórias*, de Taunay, permite recompor a ordem dos comandantes da expedição: cel. Manuel Pedro Drago, cel. Fonseca Galvão, ten. cel. Joaquim Mendes Guimarães (interino), cel. José Joaquim de Carvalho, cel. Carlos de Moraes Camisão, maj. José Tomás Gonçalves.

10. Taunay alude, provavelmente, a Augusto Ferreira França, presidente da província de Goiás até abril de 1867. Em *La retraite de Laguna*, o autor esclarece que a tropa permaneceu em Nioaque entre 24 de janeiro e 25 de fevereiro desse ano. Ver TAUNAY, Alfredo d’Escragnolle. *La retraite de Laguna*. Tours: E. Arrault et Cie., 1913, pp. 18 e 29.

e impaciente de consagrar esse novo vigor ao serviço da pátria. A esta disposição uniram-se, com ligação natural, veleidades de sacrifício entretidas no coração de seu brioso comandante, o coronel Carlos de Moraes Camisão, pela necessidade de dissipar dúvidas injustas que se fizeram pairar sobre sua reputação de valente, depois do abandono de Corumbá. Nobre desejo, porém perigoso, de que foi vítima!

Desde então começa um drama que exigiria o estilo de um Plutarco, mas que em falta de outro narrador ocupará um dia a minha pena, caso alguma das testemunhas, meus caros companheiros de armas, não me poupe essa tarefa necessária e sagrada.

A força expedicionária, sem um só homem de cavalaria, com uma bateria de quatro peças raiadas excelentes, foi levada, mais por entusiasmo do que por cálculo, a 25 léguas de Nioaque, até a margem direita do Apa, acompanhada por dez fugitivos brasileiros que se haviam escapado do Paraguai e que aumentavam, partilhando-o, o ardor geral. O rio foi transposto. Um palanque, chamado forte de Bela Vista, foi ocupado e queimado. A prudência justificada de alguns cedeu o campo: a ocasião não a permitia.

Nesse arrastamento inconsiderado, o tenente-coronel Juvêncio M. C. de Menezes pronunciou palavras que devem ser comemoradas: "Sou pai de numerosa família, mas aceito de bom grado a morte, deixando a meus filhos nome mais honroso". Nessas condições partimos, e fizemos três léguas e meia nas terras da república.

No último acampamento reconheceu-se a pouca exatidão das informações. Havia-se contado com o gado que vagueava por aqueles campos. Cavaleiros paraguaios foram vistos, ajuntando as reses e enxotando-as ao longe para o interior.

Daí a dias uma força organizada foi pressentida. Não pôde ser avaliada; mas um dos refugiados do Paraguai dizia ser um corpo de cavalaria esperado de Assunção. Reconheceu-se depois que o acompanhavam duas bocas de fogo. Não havia mais dúvidas. Os víveres iam faltar. Não era mais país aberto, não era possível a alimentação. A retirada imediata tornou-se necessária. O comandante quis cobri-la com um feito brilhante.

No dia 6 de Maio fez atacar o acampamento dos inimigos, situado a légua e meia do nosso. Cederam depois de alguma resistência com perda de cinquenta a sessenta mortos, que levaram na garupa dos cavalos, assim como os feridos, que eles próprios algumas vezes acabavam de matar.

Depois do descanso de 7, no dia 8 começou a marcha retrógrada para a fronteira; em breve foi ela precedida, flanqueada e seguida pela cavalaria paraguaia e pela

artilharia, cujas peças de calibre 6 ou<sup>11</sup> 8 tinham a vantagem da extrema mobilidade sobre as nossas, que as faziam contudo sempre calar.

Entretanto, se o comandante da força inimiga houvesse combinado os efeitos dessa arma com demonstrações e cargas de cavalaria, os quadrados que teríamos sido obrigados a manter formados haviam de ser facilmente rotos e dizimados pelos projetis de suas bocas de fogo.

Nos dias 9 e 11 sobretudo os combates renovaram-se, e nossa marcha foi contrariada cada vez mais pelo número crescente de feridos, quando nos faltavam totalmente os meios de condução. O inimigo não cessava de nos picar a retaguarda. Defendíamos avançando quanto era possível.

Os Paraguaio, convencidos de que não nos poderiam reter pela força, recorreram então a um estratagema de selvagens. Lançavam fogo aos macegais que cobrem aqueles campos, da altura de um homem. O vento do norte, então dominante, secando desde a manhã a umidade do orvalho, atirava sobre nós as labaredas. Um deles, bem montado, e que os soldados chamavam o *Botafogo*, ocupava-se nisso, cercando-nos por todos os lados desse incêndio medonho, sem que jamais nossas balas o pudessem ofender. Éramos obrigados a fazer aceiros, onde ficávamos durante longas e dolorosas horas, expostos ao ardor das chamas, e cercados por densos rolos de fumaça, à espera que os incêndios laterais houvessem cessado. Soldados morreram asfixiados.

Nossa marcha assim retardada era apenas de meia légua por dia. Nessas colisões, três casos de cólera-morbo<sup>12</sup> foram reconhecidos no dia 17 pelos médicos. Atribuiu-se a invasão aos sofrimentos que nos acabrunhavam nesses dias de trovoadas, em que ao intenso calor do sol sucediam à tarde chuvas torrenciais tangidas por violentíssimo vento. Contudo é mais que provável que havíamos sido infectados pelo contato dos Paraguaio, que tinham em seu seio este mal terrível que os enfraquecia.

Não tínhamos mais barracas, a nudez era completa. A fome nos aniquilava. A ração diária de cada um era pouco mais de uma onça de carne. Em lugar de 22 reses matavam-se quatro. Os soldados lutavam entre si para beberem o sangue, e comiam os cães que podiam alcançar. Os atiradores inimigos incomodavam-nos cada vez

---

11. No original, “de calibre 6 o 8”.

12. No original, “cholera-morbus”.

mais. A boiada dos carros era morta para alimentação. Começaram os doentes a ser transportados em padiolas. Lúgubre procissão!

Viu-se, porém, que esse meio era impossível. Os oficiais em vão procuravam, a espadeiradas, obrigar os soldados a carregar seus camaradas. Os mais sãos morriam aos golpes da moléstia, depois de dias de tão extraordinária fadiga.

Notou-se com simpatia que um oficial de nossa força, o alferes Clímaco dos Santos e Souza, ajudou a transportar os coléricos, levando sobre seu ombro um dos braços da padiola de um soldado!

O comandante tomou então uma resolução terrível. Disse às pessoas que o cercavam: “Salvo-vos, porém morro”. A 26 deixou no pouso os coléricos à mercê dos Paraguaiois, que os degolaram. Acabrunhado sob o peso de tamanho sacrifício, no dia 27 foi atacado pela cólera. Não durou dois dias.

Na agonia, depois de intensos sofrimentos suportados com a calma de um estoico, levantou-se convulsivamente de uma pele sobre que estava estendido, pediu a espada, atou o talim à cintura, segurou nele o revólver e com um gesto, ordenando a marcha: “Sigam as forças”, disse, e deixando-se cair expirou murmurando: “Vou descansar”.

Eram 7 horas da manhã do dia 29. Às duas da tarde falecia o tenente-coronel Juvêncio Cabral de Menezes.

Na véspera havia morrido, um dia depois de seu filho querido, o nosso guia, o velho José Francisco Lopes, tipo dos romances de Fenimore Cooper. Contribuíra sem dúvida para fazer adotar a temerária invasão, tendo a sua família prisioneira no Paraguai; mas salvou talvez a coluna, fazendo-a passar por lugares conhecidos só por ele, até o rio Miranda. Sobre a margem direita desse rio possuía aquele valente sertanejo uma fazenda em que seus olhos, já vidrados pela morte, puderam ver as laranjas de um pomar que ele nos prometera. Homem de coração! Sua amizade espontânea e extremosa é uma das minhas gratas recordações!

A perseguição dos Paraguaiois havia enfraquecido.

Um novo chefe, o major José Tomás Gonçalves, tomou, por antiguidade, o comando, que lhe foi dado, apesar de algumas dúvidas, pela aceitação geral. Esteve a par das circunstâncias. Os soldados, atraídos pelos frutos, começavam a deixar suas fileiras para atravessarem o rio, engrossado pelas chuvas. Duas praças e um capitão já se haviam afogado nessa precipitação. Castigou os culpados, restabeleceu a disciplina abalada por tantos choques, e ativou vigorosamente a passagem, por debaixo d’água, das quatro peças, duas das quais estiveram a ponto de serem enterradas para não caírem em poder dos Paraguaiois.

A coluna estava salva. Durante os dias de estada junto ao Miranda o consumo excessivo e exclusivo das laranjas havia feito desaparecer a cólera, segundo as previsões do nosso distinto médico o dr. Gesteira<sup>13</sup>.

O resto da marcha até o Aquidauana, afluente do Miranda, foi relativamente fácil. As forças no dia 11 de Junho acamparam junto àquele rio, devendo mudar de local poucos dias depois de minha partida, conforme tencionava o major comandante.

Trinta e oito léguas foram transpostas em trinta e três dias. Todos cumpriram o seu dever, e tenho hoje a consciência de poder dizer por todos: – esta retirada é digna de memória.

Alfredo de Escragnolle Taunay, 1º tenente engenheiro das forças.  
Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1867

---

13. No original, “Gesteiras”.